



PETERSON, Michel. *La dépasse*.

Montreal: Ed. Taman, 2017.

Fernando Hartmann¹

*Submetido em 22 de julho e aprovado em
24 de julho de 2017.*

La dépasse, de Michel Peterson, é um livro sobre a formação do psicanalista e poderia muito bem ser traduzido como “O exceder”, fazendo assim uma alusão ao excesso proposto no dispositivo do passe na Escola de Jacques Lacan ou mesmo o excesso da análise didática na escola freudiana. A questão da formação em psicanálise seria um excesso que produz um resto, como um fim de análise interminável, um paradoxo. Michel nos brinda com uma escrita densa, recheada

de passagens biográficas, questões psicanalíticas, institucionais, poéticas, recortadas, refeitas, colocadas nos trilhos, descarrilhadas. Este livro não deixa de ser uma crítica as instituições psicanalíticas ortodoxas, fechadas em si mesmo, mas também carrega uma crítica mais ampla à burocracia, à banalidade do mal, como diria Hanna Arendt.

La dépasse se revela como uma possibilidade singular de tocar a formação em psicanálise. Como se tornar um psicanalista? O psicanalista Jacques Lacan inventou o dispositivo do passe, que procederá um analisante na passagem a analista. O analisante falará para um júri de analista o seu fim de análise. Nada simples. Como fazer com que a dissolução da transferência não seja mais um ideal? Seja no fim da análise, seja na passagem a analista, no reconhecimento suposto. Qualquer solução seria ambígua ao desejo. Ainda hoje, psicanalista lacanianos do mundo inteiro se debatem sobre o que seria o dispositivo do passe. Neste escrito de Michel Peterson, nós poderíamos supor um caminho novo sendo trilhado nos mesmos trilhos do trem da psicanálise. Este novo se refere a proposta, lida por mim, de um passe por escrito. Lacan já havia falado

sobre esta possibilidade no seu último seminário, “Le moment de conclure”, na lição de 10 de janeiro de 1978:

Nesta história do passe, sou conduzido, porque o passe, foi eu quem o criou, como se diz, produzido, produzido na minha Escola na esperança de saber o que bem poderia surgir no que se chama de espírito, no espírito de um analisante para se constituir, quer dizer, para receber pessoas que vêm lhe demandar uma análise. Isso poderia se fazer por escrito; eu sugeri a alguém que aliás estava mais que de acordo. Passar por escrito, isso tem a chance de ser um pouco mais perto do que podemos esperar do Real do que é feito atualmente, uma vez que eu tentei sugerir a minha Escola que os passadores poderiam ser nomeados entre alguns. O enfado, é que estes escritos, nós não os leremos. Ao nome de quê? Ao nome de que, que de escritos, nós já temos demais. Então qual a chance que eles seriam lidos? Está no papel, mas o papel é também papel higiênico. Os chineses perceberam isso, que existe o papel higiênico, o papel com o qual se limpa o cu. Impossível então saber quem vai ler.²

O que se apresenta no texto de Michel além da questão do endereçamento, a quem endereçamos nossa fala, nossa escrita, é também esta impossibilidade de saber quem vai ler o que escrevemos. O estrangeiro, o migrante, o estranho familiar, aparecem no texto como uma questão ética

frente ao possível discurso repetitivo das instituições. De fato, dificilmente, no que tange a formação do analista as instituições psicanalíticas escapam do discurso do mestre, que, segundo Lacan é o avesso da psicanálise. No final do recém-publicado livro *Questões atuais sobre desejo nas mutações familiares e sociais*, de Christian Hoffmann e Moustapha Safouan, este último diz:

Seja qual for o pretexto, princípio moral, lei social ou preconceito teórico, sem falar da autoridade do terceiro, inclusive daqueles que participam em sua formação, a responsabilidade engajada na condução da análise não é compartilhável. Em minha opinião, a fórmula de Lacan implica que a formação do analista é em primeiro lugar um assunto do interessado, antes de ser da instituição. É o único modo de ter um analista que dê provas de seriedade. A não ser que ele encontre uma instituição sem catecismo, sem hierarquia, e sem nenhuma autoridade, com exceção daquela que cabe a um mestre, em reconhecimento por seu trabalho. Chegou a hora, para os psicanalistas, de recolocar em questão sua relação com a psicanálise.³

Justamente o que Michel Peterson faz em seu livro é recolocar em questão a sua relação com a psicanálise e devido a esta coragem ele merece ser lido, pois

cada vez mais encontramos textos ditos psicanalíticos desprovidos de sujeito, textos puramente teóricos, buscando afirmações, reconhecimento. Freud começou a psicanálise interpretando seus próprios sonhos, Lacan falava em seus seminários como analisante, então como falar de psicanálise sem colocar o desejo em questão? Pois bem, Michel nos aponta o caráter migrante do desejo de ser analista. Vale aqui retomar Freud em uma carta a Romain Rolland, intitulada *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1936).

O senhor sabe que meu trabalho científico consistiu em elucidar manifestações incomuns, anormais ou patológicas da mente, isto é, atribuir sua origem a forças psíquicas que operam por trás delas e indicar os mecanismos em ação. Comecei tentando isto em mim próprio e então passei a aplicá-lo a outras pessoas e, finalmente, fazendo uma extensão ousada, a toda raça humana.⁴

Michel em seu livro passa por esse caminho proposto por Freud, fazendo com que sua demanda à humanidade primeiro passe por ele, depois pelo outro e então se estenda para a raça humana. De uma certa forma o desejo do analista deveria tocar a ética no trajeto de formação do analista, nada predeterminado, salvo o que nos antecede, nos excede, o nosso

inconsciente. Eu não teria outra forma de terminar a não ser com este dizer de Michel em *La dépasse*: “Eu nunca soube totalmente onde estava indo, eu às vezes descarrilhei, eu mais seguidamente me deixei levar, para o que está por vir, o Vindouro. Daí, talvez, a minha paixão por aqueles que agora são chamados, por um termo que reflete a perversidade do mundo, os migrantes, pelos seus trajetos inéditos”.⁵

Notas

¹ Pós-doutor em psicanálise pela Université Denis-Diderot- Paris 7; Professor adjunto da Universidade Federal de Rio Grande – FURG, Departamento de Psicologia. fernandohartman37@gmail.com

² Jacques Lacan, Seminário inédito “Le moment de conclure”, Paris: publicação interna da Association La-canienne Internationale, 2015.

³ Christian Hoffman; Moustapha Safouan, O desejo nas mutações familiares e sociais, trad. Leda Fischer Bernardino, São Paulo: Ed. Instituto Langage: 2016.

⁴ Sigmund Freud, Um distúrbio de memória na Acrópole, Obras Completas, Vol. XXII, Rio De Janeiro: Ed. Imago, 1987.

⁵ Peterson, Michel, photos Yves Godbout, La dépasse, Montreal: Ed. Taman, 2017, p. 49.